

O Dinamismo da Misericórdia no Diálogo Ecuménico

Timóteo Cavaco

O que podemos aprender com o conceito de **Misericórdia**?

Significado

Comumente é descrito como um **sentimento** de compaixão suscitado pela miséria, infelicidade ou desgraça alheia; ou como uma **ação** praticada por quem tem poder para o fazer: um juiz, um proprietário, alguém que está em autoridade. Este conceito apresenta dois problemas: 1) descreve-a apenas como uma atitude pontual e opcional; 2) pressupõe uma desigualdade pois quem a experimenta está, de alguma forma, em submissão a outrem.

Contexto Bíblico e Teológico

Deus mostra misericórdia para com os seres humanos, que, em última análise, estão todos debaixo do seu poder. Por sua vez, esses mesmos seres humanos podem ser misericordiosos uns para com os outros, mediante ação ou atitude graciosa para quem nem compaixão nem clemência são devidas.

No cristianismo a misericórdia de Deus atinge o seu ápice na morte de Jesus Cristo, um ato de misericórdia que demonstra a compaixão divina. É por isso que se exige de todos os cristãos a prática da misericórdia para como o seu próximo.

A Bíblia ensina:

Mateus 5,7: «Felizes os que usam de misericórdia para com os outros, porque Deus os tratará com misericórdia!»

Tiago 2,13: «Será julgado sem misericórdia aquele que não mostrou misericórdia. No dia do juízo, a misericórdia é que vence.»

Em Cristo, os seres humanos são nivelados todos por igual pois a misericórdia não é um atributo que lhes pertença ou uma graça especial que lhes seja conferida casuisticamente mas deve ser entendida como uma responsabilidade. Como o papa Francisco recorda na Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia **Misericordiae Vultus** (ponto 13): «Queremos viver este Ano Jubilar à luz desta palavra do Senhor: *Misericordiosos como o Pai*. O evangelista refere o ensinamento de Jesus, que diz: «Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso» (*Lucas 6, 36*). É um programa de vida tão empenhado como rico de alegria e paz. O imperativo de Jesus é dirigido a quantos ouvem a sua voz (cf. *Lucas 6, 27*). Portanto, para ser capazes de misericórdia, devemos primeiro pôr-nos à escuta da Palavra de Deus. Isso significa recuperar o valor do silêncio, para meditar a Palavra que nos é dirigida. Deste modo, é possível contemplar a misericórdia de Deus e assumi-la como próprio estilo de vida».

Esta consciência da necessidade de Deus, da contínua dependência da sua misericórdia está patente no decurso de toda a história cristã, ficando expressa como parte central na liturgia, na adoração a Deus. O *kyrie eleison* usado por igrejas de várias tradições cristãs é bem o reflexo disso.

Mas também no judaísmo se encontram inúmeras referências à misericórdia de Deus. O sentido da sua amorosa bondade é um tema central nas Escrituras Hebraicas. Pelo facto de a aliança entre Deus e o seu povo estar arraigado no amor divino, a misericórdia era uma qualidade sempre presente no relacionamento que ela sempre expressava. Mas o Senhor de Israel excedia sempre a misericórdia contida no pacto estabelecido com a nação. A misericórdia divina (*hesed*) envolve dois aspetos essenciais:

- o perdão dos pecados

Êxodo 34,6-7 – «O Senhor passou em frente de Moisés e exclamou: “Eu sou o Senhor! O Senhor Deus misericordioso e compassivo, paciente e grande em amor e verdade! Aquele que por mil gerações se mantém fiel no seu amor e perdoa a iniquidade, a rebeldia e o pecado, mas não deixa sem castigo o culpado e castiga os crimes dos pais nos filhos e nos outros descendentes até à quarta geração.”»

Isaiás 55,7 – «Que o ímpio deixe as suas maldades e o homem mau os seus planos desonestos! Que voltem para o Senhor, pois tem piedade deles! Voltem para o nosso Deus, pois ele perdoa generosamente!»

e ainda

- a benevolência ativa para com os necessitados

Isaiás 30,18 - «Entretanto, o Senhor espera o momento de vos conceder os seus favores, de vos manifestar misericórdia. Porque o Senhor é um Deus reto, e felizes aqueles que nele esperam.»

Ezequiel 39,25 - «Porém eu, o Senhor Deus, declaro que tratarei com misericórdia os descendentes de Jacob, o povo de Israel, e lhes darei de novo prosperidade; e exigirei de todos o respeito que é devido ao meu santo nome.»

Salmos 86,15-16 - «Mas tu, Senhor, és um Deus bondoso e compassivo, paciente e grande em bondade e fidelidade. Volta-te para mim e tem compaixão; concede-me a tua força e vem em meu socorro; eu sou teu servo e filho da tua serva.»

Na liturgia de ambas as tradições o tema da misericórdia está muito presente:

Judaísmo – *Salmo* 136: «Eterna é a sua misericórdia» (refrão)

Cristianismo - *Kyrie eleison*

Mas também no islão o título Misericordiosíssimo (*al-Rahman*) e Compassivo (*al-Rahim*), nomes de Allah, são os nomes mais comuns que ocorrem no *Alcorão*. *Rahman* e *Rahim* ambos derivam da raiz *Rahmat*, que refere-se a ternura e benevolência.

Etimologia

Misericórdia é a junção de duas palavras em *latim*: ***miseratio*** (compaixão) + ***cordis*** (coração). Assim, pode-se entender literalmente misericórdia, como «coração compadecido».

A palavra pode também resultar dos vocábulos latinos ***miseris***, ***cor*** e ***dare***, que juntas significam «dar o coração àqueles que são vítimas da miséria».

Em inglês, a palavra equivalente (***mercy***) vai buscar a sua raiz etimológica a uma palavra latina diferente (***merx***) que no original significa «mercadoria, bens». Mas no latim vulgar, numa forma não padronizada da língua usada em algumas regiões por pessoas comuns geralmente iletradas, talvez por algum tipo de corruptela a palavra adquiriu precisamente o significado de «graça, favor ou piedade». Isto foi claramente influenciado por uma outra palavra latina (***miseria***) com o sentido de «aflito, desgraçado, infeliz». No latim clássico, a forma erudita da língua, a da literatura, desde o princípio ao fim do Império Romano, a mesma palavra, ***merces*** (***mercedem***), significou «recompensa, salário, contrato, ou mesmo suborno» e ainda era usada para «custo, punição, juro, aluguer, renda», etc.

Nas línguas latinas, particularmente no francês, o vocábulo ***merx*** manteve-se com o mesmo significado nos estágios iniciais do desenvolvimento da língua, o qual se veio a alterar drasticamente com as sucessivas conquistas e ocupações. Mas para os romanos a palavra sempre significou «comércio» e nada tinha a ver com virtude, já que vinha do latim ***mercari***, de ***mercor*** com o significado de «comercializar, trocar ou mesmo traficar». Quando os romanos introduziram a expressão ***mercari*** nas suas conquistas da Gália, o seu sentido não foi completamente aglutinado. Na verdade, ao longo de quatro séculos, ***mercari*** representava tudo o que os conquistados desprezavam nos seus conquistadores. Mas no

alvorecer das conversões ao cristianismo a palavra começou a adquirir progressivamente o significado de «recompensa, dádiva ou mesmo bênção», no linguajar dos missionários que faziam uso da Vulgata Latina, ganhando assim mais aceitação nos dialetos locais que a passaram a integrar, abreviando para **merci**, expressão ainda hoje utilizada. Assim, enquanto no inglês a palavra manteve o seu significado, embora corrompido, de graça, favor, piedade – por isso se traduz **mercy** por misericórdia – em francês tornou-se apenas uma expressão de reconhecimento – «obrigado» – sendo usada a palavra **miséricorde** com o mesmo sentido que em português lhe damos.

Mas o que tem tudo isto a ver com o tema que me trouxe aqui?

Sucedem que, como já deixámos implícito, no latim medieval, a língua da erudição teológica da Idade Média, o termo também adquiriu o significado de «ato de compaixão, favor ou recompensa celestial», devendo mais ao latim vulgar que ao latim erudito. Com o tempo, a palavra desenvolvida em contexto teológico foi substituída por um outro termo latino – **meritum** - tradução da palavra grega usada para «recompensa» uma vez que **merces** era vista com um sentido mais material no âmbito do ensino da igreja.

E este, como bem sabemos, foi um dos mais relevantes pontos de disputa da Reforma Protestante do século XVI que acusava a igreja de estar mais interessada em atribuir salvação como algo merecido, no sentido de adquirido, do que aparentemente era o sentido original da expressão: uma graça ou um favor de Deus.

É significativo como esta expressão, ou antes este conceito, esteja tão ligado a esse profundo abalo na cristandade há cinco séculos atrás. O nosso grande desafio hoje é transformarmos o que foi divisão e cisão há cinco séculos em síntese de diferentes formas de se ser cristão, ou seja, de se viver Cristo em nós e no serviço aos outros. Sem ignorar ou desconhecer a história, o nosso desafio é transformar o pomo de discórdia no século XVI em sinal de união em torno dos valores centrais e da prática da **misericórdia**.

O tema da misericórdia é central na teologia mas fundamentalmente na experiência pessoal de Martinho Lutero (1483-1546), o monge agostinho alemão que literalmente dividiu a Europa no seu tempo.

Quando encontrarei um Deus misericordioso? era a sua grande angústia. Um dia ele entendeu que Deus não era o juiz que pesava na sua balança os méritos humanos, mas sim um Pai que em sua misericórdia queria resgatar a sua criatura da perdição e fazê-la participar da sua santidade e felicidade. Descobriu que o coração de Deus é acima de tudo bondade, graça e misericórdia.

É comumente considerado como o momento inaugural de Reforma de Martinho Lutero a sua rejeição da eficácia das indulgências (*Disputatio pro declaratione virtutis indulgentiarum*), publicadas por Martinho Lutero a 31 de outubro de 1517, por isso há quase quinhentos anos. Esta reação teve como causa próxima os abusos da pregação das indulgências proclamadas pelo papa Leão X pelo dominicano Johannes Tetzel, de Magdeburg, sendo que dos rendimentos alcançados nessa província eclesiástica metade teria como destino a construção da nova basílica de São Pedro e a outra metade para pagar as dívidas de Dom Alberto de Brandeburgo, a quem aliás Lutero enviou o texto das suas 95 teses. O interesse com que tais teses foram recebidas foi bem maior que o esperado, em parte devido ao clima de confronto político, social e religioso que então se vivia.

Podem-se identificar dois núcleos teológicos nas 95 teses de Lutero, que correspondem a duas aplicações pastorais.

O primeiro núcleo teológico é a ideia do primado absoluto de Deus na salvação: Este não resulta das obras feitas pelo homem, para nossos eventuais méritos, mas somente por Deus,

da sua generosidade, do seu infinito amor. Apenas a vontade divina, através da sua graça, nos pode, e não o dinheiro pago para obter a indulgência. O verdadeiro tesouro da igreja não é uma riqueza de indulgências lucrativas, mas o Evangelho de graça oferecida a todos. Mas o jovem Lutero estava plenamente convencido de que a intenção do papa não era a veiculada por Tetzel e outros. Isso fica claro quando ele afirma: «Se, pois, as indulgências fossem pregadas segundo o espírito e o pensamento do papa, todas estas dificuldades seriam facilmente resolvidas, não existiriam mesmo» (*Tese 91*).

O segundo núcleo teológico das teses é a ideia de intervenção humana no processo para obter a justificação e perdão dos pecados. Para Lutero esta ação consiste unicamente em contrição de pecados e caridade. Só o arrependimento sincero abre o coração para receber o dom de libertar graça e resulta em caridade ativa. A consequência deste segundo núcleo teológico de teses está no apelo à penitência, que exclui qualquer presunção e sequela dolorosa, mas frutifica na cruz: «Há que exortar os cristãos a empenharem-se no discipulado de Cristo, seu chefe, através do sofrimento, da morte e dos infernos» (*Tese 94*). Para Lutero não se tratava de celebrar a glória de Deus no preço da morte do homem, mas sim de indicar o verdadeiro caminho pelo qual o compromisso humano, drenado da presunção e confiando apenas na graça misericordiosa do Salvador, conduz à salvação eterna.

Papa Francisco, Lutero e Misericórdia

O Papa Francisco recebeu no dia 13 de outubro de 2016 na Sala Paulo VI cerca de mil peregrinos luteranos, aos quais disse que o mundo espera dos cristãos o testemunho de «tornar visível a misericórdia de Deus». Nesse sentido, assegurou que apesar das diferenças entre ambas as Igrejas, «é a misericórdia de Deus que nos une».

Numa mensagem ecuménica dirigida aos cristãos luteranos, o Pontífice deu graças a Deus «porque hoje, luteranos e católicos, estamos a caminhar juntos pelas vias que vão do conflito à comunhão».

«Já percorremos juntos, um importante percurso da estrada, ao longo do caminho provamos sentimentos contrastantes: dor pela divisão que ainda existe entre nós, mas também a alegria pela fraternidade reencontrada», assegurou o papa Francisco.

Francisco disse aos presentes: «A vossa presença aqui, no Vaticano, assim, tão numerosa e tão entusiástica, é um sinal evidente desta fraternidade e enche-nos de esperança de que podemos continuar a fazer crescer a compreensão recíproca», afirmou. Também indicou que «o apóstolo Paulo nos diz que, em virtude de nosso batismo, todos formamos um só Corpo de Cristo. Os diferentes membros, de facto, formam um só corpo».

«Deste modo – ressaltou –, pertencemos uns aos outros, e quando nós sofremos, todos sofrem, e quando nos alegramos, todos se alegram. Podemos seguir com confiança o nosso caminho ecuménico, porque sabemos que, além de tantas questões que ainda continuam abertas, já estamos unidos. O que nos une é muito maior do que aquilo que nos divide!»

Este discurso confirma que a mensagem central das teses de Martinho Lutero há 500 anos sobre as indulgências corresponde em profundidade ao que o papa Francisco decidiu propor com o Jubileu da Misericórdia: a proclamação libertadora e jubilosa da graça do perdão que é oferecido gratuitamente a qualquer pessoa com um coração humilde e arrependido que invocar Deus e desejar expressar a sua eficácia em obras de caridade e justiça.

Recordou que no dia 31 de outubro viajaria à Suécia para a comemoração dos 500 anos da Reforma de Martinho Lutero e «agradecer ao Senhor por cinquenta anos de diálogo oficial entre luteranos e católicos».

«Esta comemoração terá essencialmente o olhar orientado para o futuro, com vista a dar juntos um autêntico testemunho cristão ao nosso mundo de hoje, que necessita tanto de Deus e da Sua misericórdia», assinalou. «O testemunho que o mundo espera de nós é,

principalmente, tornar visível a misericórdia de Deus para conosco através do serviço aos mais pobres, aos doentes, aos que abandonaram as suas terras para procurar um futuro melhor para si e para os seus entes queridos».

«E em colocarmo-nos juntos ao serviço dos mais necessitados, experimentamos estar já unidos: é a misericórdia de Deus que nos une», assegurou. «Enquanto os teólogos levam avante o diálogo no âmbito doutrinal, vós continuais a procurar com insistência ocasiões para encontrar-vos, para se conhecerem, melhor rezar juntos e ajudar-vos uns aos outros e a todos aqueles que estão em situação de necessidade».

O que há ainda a mudar para que em Portugal se viva um maior dinamismo no diálogo ecuménico para que a expressão da misericórdia seja uma realidade?

A nível oficial, apenas 1% ou 2% dos fiéis (e igrejas a que pertencem) do universo de tradição ou origem protestante/evangélica estão envolvidos em ações concretas de cooperação fraterna com a Igreja Católica em Portugal. A palavra «ecuménico» ou mesmo «interconfessional» ainda gera anticorpos nas expressões reformadas que não dialogam com a igreja maioritária.

Porém, muito já tem sido feito para refletir a nossa responsabilidade comum de sermos misericordiosos uns com os outros:

- Bíblia:

- Segundo Silas Oliveira «a tradução interconfessional da Bíblia é a coisa mais ecuménica que já alguma vez se fez no país»
- Programas como «Bíblia Manuscrita», «A Bíblia em Festa», «Bíblia Moov»

- Educação Moral e Religiosa (Católica e Evangélica)

- Há muitas iniciativas locais (p. ex. Encontro de Cristãos, Sintra)

- Obras sociais

- Capelanias

Com grande propriedade e atualidade o papa Francisco conclama à nossa memória o texto em que o apóstolo afirma: «Antes, não conheciam a misericórdia de Deus e agora alcançaram essa misericórdia» (1 Pedro 2,10). Este **agora alcançaram essa misericórdia** é a mais clara chamada de atenção para o facto de o exercício da misericórdia ser uma responsabilidade permanente, um modo de estar na vida e um modo de viver a vida que Cristo nos dá a gozar e a gozar *em abundância* (João 10,10). A misericórdia tem de ser vivida em permanência, é algo de necessariamente ontológico e não meramente circunstancial ou conjuntural. Misericórdia não é um programa, não se trata de uma opção, não se configura como se de um inciso se tratasse à nossa «carta de deveres cristãos» mas é – não «foi» nem apenas «será» – a expressão mais visível do perdão divino face à miséria humana.